

WILLOW ROSE



PARA
SUA
NOVA
ESPOSA

*A ex dele
me enviou
uma carta.
Achei que ela
estivesse morta.*

WILLOW ROSE
TRADUÇÃO: LUCIANA DIAS

**PARA
SUA
NOVA
ESPOSA**



Prólogo

A água do macarrão ferve e transborda, chiando como se estivesse tentando me avisar que estou prestes a ser presa. Pouco antes de entrarem na casa, avanço para pegar a panela com a mão esquerda, queimando os dedos ao agarrar o cabo, ainda segurando uma faca de corte com a direita.

Passos pesados fazem barulho no hall de mármore. Não são as passadas familiares de Benjamin. Essas são mais pesadas. Vários pares. Parecem determinadas. Benjamin sobe do porão. Estávamos brigando. Foi por isso que esqueci o macarrão.

De repente, a porta da cozinha se enche de pessoas. Dois policiais uniformizados, com distintivos que refletem a luz âmbar da luminária, suas expressões impassíveis. Atrás deles, mais passos. Mais gente.

— Emma? — o policial mais alto indaga, embora não seja bem uma pergunta.

— Sou eu — digo, e minhas mãos tremem.

O detetive Lucas Ramirez dá um passo à frente, e eu o reconheço na hora: o amigo de Benjamin, o homem com quem eu jantei, cujo cabelo grisalho sempre parece meio desgrehado no fim da noite. Seus olhos não encontram os meus. Péssimo sinal. Na publicidade, chamamos essa linguagem corporal de “distanciamento da marca tóxica”. Ele está se afastando de mim.

Não é mais o homem que ri até chorar em nossa mesa de jantar no mês passado quando o vulcão do projeto de ciências de Lily entrou em erupção antes da hora, espalhando espuma vermelha pela mesa e na camisa branca impecável de Ben.

Não é mais o homem que trouxe uma garrafa de meu vinho preferido e contou histórias sobre seus dias de novato na polícia. Agora ele é o detetive Ramirez, com a mão perto do rádio, erguendo as sobrancelhas ao se dar conta do que está em minhas mãos.

— Preciso que você ligue a faca.

Olho para minha mão com surpresa e coloco a faca na bancada, devagar, cuidadosamente. A água do macarrão ainda está fervendo violentamente, transbordando de novo. Estico o braço para desligá-la.

— Mantenha as mãos onde eu possa ver — dispara um dos policiais uniformizados.

Fico paralisada, e meu coração começa a bater contra minhas costelas.

Lucas dá um passo à frente. Seus sapatos enlameados deixam pegadas leves no piso. Contaminação de provas, inacreditável, mas é isso que minha mente percebe.

— Emma Stone, você está presa pelo assassinato de Alice Stone. Alice? A ex-mulher de Benjamin?

— Eu? Não. Isso... não é possível. — Minha voz se eleva, aguda e desesperada. — Pegaram a pessoa errada. Não sou eu que vocês querem prender.



Um

Encaro meu reflexo, mal reconhecendo a mulher que olha de volta para mim. A maquiadora fez milagres, transformando meus habituais olhos cansados em alguma coisa luminosa e bem-desperta. Minhas mãos tremem quando toco meu próprio rosto... está acontecendo mesmo? Em três horas, vou me tornar a senhora Benjamin Stone. Só essa ideia já me faz ter um friozinho na barriga, formando uma onda que bate contra minhas costelas, desesperada para transbordar.

— Não põe a mão — a maquiadora me repreende, dando uma batidinha para tirar minha mão. — Vai borrar.

— Desculpa — sussurro, mas não consigo parar de encarar. Não consigo parar de me perguntar se tudo isso é um sonho do qual vou acordar, sozinha em meu apartamento.

A suíte nupcial se estende a minha volta, toda creme e dourada com janelas do chão ao teto emoldurando o Golfo. A luz do sol dança na água, lançando no teto padrões de luz fragmentados. Meu vestido de noiva está pendurado num cabide acolchoado perto do banheiro — uma coluna de seda marfim que custou mais do que meu primeiro carro. Robert, meu futuro sogro, insistiu em pagar. “O casamento do meu único filho tem que ser perfeito”, ele disse, já movendo a caneta para o cheque antes que eu pudesse me opor.

Perfeito. A palavra fica presa em minha garganta. E se eu não for perfeita o suficiente? E se Benjamin perceber que eu ainda sou a desajeitada executiva de contas que costumava gaguejar quando ele visitava a agência do pai?

— Está se mexendo de novo — fala a cabeleireira, com grampos presos entre os dentes. — Respira fundo.

Concordo, respiro fundo. O ar tem cheiro de spray de cabelo e perfume caro — Chanel Nº 5, minha extravagância do dia, para dar sorte, junto com brincos de pérola emprestados de minha futura sogra, Margaret, que os ofereceu para mim com um sorriso caloroso.

Cinco anos. Foi o tempo que fiquei observando Benjamin Stone através de salas de reunião e festas de fim de ano na Stone Publicidade, enquanto eu trabalhava para seus pais. Cinco anos catalogando a maneira como suas mãos se movem quando ele fala, o ângulo preciso de sua mandíbula, a rara risada que transforma seu rosto sério em juvenil e descontraído. Cinco anos escutando as fofocas do escritório sobre como o brilhante cirurgião pediátrico se casou com a curadora de arte que morreu num trágico acidente de carro. Pelo que as pessoas diziam, eram o casal perfeito. A família perfeita.

Nunca troquei com ele mais do que cumprimentos educados. Nunca passou pela minha cabeça que ele me notaria. Por anos, o luto foi pesado demais para ele.

Era uma terça-feira na primeira vez que ele realmente me notou. Eu estava apresentando uma campanha para um hospital infantil — o hospital dele. Ele ficou depois da reunião, fez perguntas sobre minha pesquisa. Agradeceu por entender o que pais de crianças doentes precisavam escutar. “Quer sair para tomar um café?”, ele perguntou, e quase engasguei com minha própria surpresa.

Depois do café vieram os jantares. Os jantares viraram planos para o fim de semana. Sua mão encontrou a minha do outro lado das mesas de restaurante, hesitantes a princípio, depois convictas. Quando ele me beijou pela primeira vez, na porta de casa depois de nosso terceiro encontro, fiquei tonta sem acreditar. Benjamin Stone estava me beijando. Me beijando.

— Quase pronto — a cabeleireira murmura, inserindo um último grampo em meu penteado. — Está linda, senhora Caldwell.

A porta se abre sem alguém bater. Eu me viro, esperando minha mãe com olhos preocupados e mãos nervosas — ela ficou tão surpresa quanto eu quando soube que um homem como Benjamin queria se casar comigo. “Ele é tão bem-sucedido, Emma”, ela susurrou. “E você é tão... jovem”. Mas em vez de sua expressão suave, quase pedindo desculpas, me deparo com o rosto de Lily Stone, a filha de Benjamin, parada na porta.

Ela já está usando seu vestido de madrinha, de seda azul-clara, evidenciando sua altura esguia. Aos dezessete anos, ela parece muito com as fotos que vi de Alice: o mesmo cabelo liso preto, os mesmos olhos penetrantes.

— Lily — digo, surpresa. — Achei que você estivesse se arrumando com as outras madrinhas. — As quatro mulheres que escolhi: Jen, minha melhor amiga do trabalho; Jessica, minha colega de quarto da faculdade; minhas duas primas. Era tarefa delas manter Lily ocupada.

— Terminei mais cedo. — Sua voz é neutra, educada. Seus olhos analisam o quarto, absorvendo a maquiagem espalhada, meu vestido, o champagne resfriando num balde de gelo. — Estão todas conversando sobre coisas chatas. Jessica fica mostrando para todo mundo fotos de seu novo namorado *galã*, e Megan não para de falar sobre a casa nova que ela comprou com os juros baixos. Uma chatice.

A maquiadora e a cabeleireira trocam olhares e guardam suas coisas com uma eficiência habilidosa.

— Vamos ver se você vai precisar de um retoque antes da cerimônia — diz a maquiadora, apertando meu ombro antes de saírem, nos deixando sozinhas.

Lily desliza pelo quarto. Ela não tem nada de uma adolescente típica; sua postura não é nem um pouco desajeitada.

— Seu véu está torto — diz ela, tocando o delicado enfeite de renda preso no topo de minha cabeça.

— Ah... obrigada. — Fico toda imóvel enquanto seus dedos frios ajeitam os grampos, sentindo muito bem sua proximidade. E me

sinto... desconfortável. Alguma coisa em Lily sempre me desconcertou. Talvez seja só o quanto ela se parece com a mãe.

— Minha mãe usou um véu catedral — diz Lily, batendo papo, ainda ajeitando meu véu com os dedos. — Com 6 metros de comprimento. Meu pai disse que foi como assistir a um anjo flutuando pelo corredor.

Sinto um aperto no estômago. Claro que Lily pensaria na mãe hoje. Claro que é difícil para ela.

— Que lindo — digo com cuidado. Eu mesma já vi fotos.

— Foi perfeito. O casamento inteiro foi perfeito. — Ela dá um passo para trás, avaliando seu trabalho. — Pronto. Agora você não parece assimétrica.

— Obrigada. — Encontro seus olhos no espelho. — Lily, sei que hoje pode ser difícil...

— Por que seria difícil? — Ela se afasta, pegando uma taça de cristal e se servindo de champagne com a confiança de alguém que já fez isso muitas vezes antes. Eu até devia impedi-la, dizer que ela é nova demais para beber. Mas não a impeço. Quero que ela tenha um bom dia hoje. Quero que se sinta uma parte de tudo isso, de nós. — Estou feliz pelo papai. Ele merece seguir em frente.

As palavras são apropriadas, mas alguma coisa em seu tom de voz me preocupa. Ela toma um gole do champagne, me observando por cima da borda da taça.

— Minha mãe vivia dizendo que o papai era intenso quando queria alguma coisa. — Ela traça a borda da taça com um dedo com a unha bem-feita. — Como um caçador. Obstinado. Ela achava que isso era romântico, como ele correu atrás dela depois de eles se conhecerem na inauguração de uma galeria.

Forço um sorriso. Não posso dizer que ele realmente correu atrás de mim. Ele nem precisou.

— Ele é apaixonado pelas coisas com as quais se importa.

— Coisas. Pessoas. — Lily dá de ombros, abaixando a taça. — Ele é focado. Mamãe dizia que algumas vezes era cansativo ser o centro do mundo inteiro de alguém. — Ela inclina a cabeça, me examinando. — Você já se sente dessa maneira? Como se não conseguisse respirar às vezes porque ele é simplesmente tão... presente?

Minha boca fica seca. Sei que não sou o mundo inteiro de Benjamin. Lily é. Mas ele me trata bem.

— Amo como ele é atencioso.

— Claro. — Lily sorri, demonstra perfeitamente um interesse educado. — Com certeza é diferente com você. Minha mãe só devia estar sendo dramática. Ela tinha episódios assim, ainda mais no fim.

Episódios? A palavra paira entre nós, repleta de implicações, e tenho medo de explorá-las. Será que ela está tentando me afastar do pai? Ela nunca me disse nada tão direto antes. Ela mal mencionava a mãe.

— Seu véu está perfeito agora — diz Lily, mudando de assunto com uma velocidade abrupta. — Vai ser uma noiva linda. — Ela vai na direção da porta e para, apoiando a mão na maçaneta. — Ah, e Emma? Papai detesta quando as mulheres usam batom vermelho. Diz que parece vulgar. Só avisando.

A porta se fecha antes que eu possa responder. Eu me viro para o espelho, examinando o vermelho forte em meus lábios que a maquiadora passou vinte minutos para aperfeiçoar. Benjamin nunca disse nada sobre não gostar de batom vermelho. Ele elogiou esse tom exato no mês passado.

É só o nervosismo pré-casamento, digo a mim mesma, estendendo a mão para pegar um lenço de papel para tirar um pouco do batom. Só uma adolescente processando um luto complexo. Nada demais.

Porém, quando encaro meu reflexo, para os lábios um pouquinho mais claros e o véu perfeito que Lily ajeitou, um desconforto parece se instalar em meu estômago junto com o friozinho. Por um momento, eu me vejo pelos olhos de Lily: uma intrusa numa história que deveria terminar de uma maneira diferente.

Afasto esse pensamento. Hoje é meu final feliz de contos de fadas. Esperei cinco anos para ser notada por Benjamin Stone. Nada — nem o nervoso, nem o fantasma de seu primeiro casamento, nem mesmo a filha a quem eu ainda preciso conquistar — vai tirar esse dia de mim.

* * *

O corredor branco se estende a minha frente na areia. O oceano bate ritmadamente a minha direita, servindo de percussão para o quarteto de cordas que toca Pachelbel. Agarro o braço de meu pai, grata pelo apoio, enquanto meus saltos altos se enterram um pouquinho a cada passo. Todos aqueles rostos virados em minha direção — os curiosos, os que julgam, os que comemoram — ficam borrados em uma névoa de expectativa. Mas eu me concentro em Benjamin, esperando no fim deste estreito caminho branco, com um sorriso firme e certo.

— Está tudo bem? — meu pai sussurra, dando uma batidinha em minha mão. Seu toque áspero, de um construtor, me ancora para a realidade. Sempre foi assim.

Confirmo com a cabeça, sem conseguir falar com o nó na garganta. Meu buquê — rosas brancas e hortênsias azuis — treme em minha mão. O sol da Flórida castiga, surpreendentemente intenso para outubro. O suor pinica embaixo do meu véu.

As cadeiras brancas dispostas em fileiras arrumadas de cada lado do corredor são ocupadas pela elite de Harbor Heights: os sócios nos negócios de Robert, as amigas do conselho da instituição de caridade de Margaret, os colegas de Benjamin do hospital. Reconheço os sócios-gerentes da Stone Publicidade na terceira fila, seus olhos curiosos vão acompanhando meu progresso. Eles me viram subir de redatora júnior a executiva de contas em cinco anos. Agora estão me vendo virar uma Stone.

Ergo o queixo e foco no rosto de Benjamin. Seus olhos não saem dos meus, firmes e certos. O que quer que as pessoas estejam pensando pouco importa. Benjamin me escolheu.

Me escolheu.

Chegamos ao altar — um simples arco de madeira decorado com tecido branco e flores azuis. Meu pai dá um beijo em minha bochecha, apoia minha mão na mão de Benjamin e se afasta. Eu o observo parado sem jeito na frente de minha mãe, sem saber se deve se sentar na cadeira vazia ao lado dela. Divorciados há anos, eles mal se viram nesse tempo. Dou um sorriso e faço um gesto para ele se sentar. Os dedos de Benjamin se fecham em volta dos meus, quentes e delicados, treinados por anos de trabalho

cirúrgico. Mãos que salvam crianças. Mãos que agora guardam meu futuro. E eu me viro na direção dele.

— Você está de tirar o fôlego — sussurra ele.

O pastor começa a cerimônia. Palavras sobre amor e compromisso tomam conta de mim, familiares e estranhas ao mesmo tempo. Estou me casando. Com Benjamin Stone. O homem a quem fiquei observando a distância por anos, inventando motivos para estar em reuniões onde ele pudesse aparecer, me voluntariando para projetos na agência de seu pai que pudessem me colocar no caminho dele.

Eu não planejei a morte de Alice. Jamais desejei isso. Mas quando a tragédia abriu caminho para Benjamin, eu não hesitei em aproveitar. Será que isso me torna uma pessoa horrível? A ideia surge em minha mente, indesejada e perturbadora. Não se trata de oportunismo. Se trata de amor. Se trata de destino.

— As alianças, por favor — diz o pastor.

Lily avança, seu vestido de madrinha ondula na brisa marinha. O tecido azul combina com seus olhos, que permanecem frios e avaliadores enquanto ela segura a almofada de cetim. Benjamin alcança minha aliança, e percebo um ligeiro tremor em sua mão. Estresse? Emoção? Sua mandíbula fica rígida — a mesma tensão que percebi mais cedo no rosto de Lily quando ela entrou em meu closet.

Alguma coisa se passa entre pai e filha quando seus olhos se encontram — uma comunicação silenciosa que eu não consigo decifrar. Os dedos de Benjamin roçam nos de Lily quando ele pega a aliança, e ela estremece de uma maneira quase imperceptível. Tão leve que devo ter imaginado, exceto pelo rubor que surge no pescoço de Benjamin. Constrangimento? Nervosismo? Não sei dizer.

O momento se prolonga, elástico e incerto, antes de Lily voltar para a fila junto com as outras madrinhas. Seu rosto se firma com uma expressão educadamente neutra.

Benjamin pega minha mão esquerda. O anel de platina desliza gelado e pesado pelo meu dedo, sua voz é firme enquanto ele recita seus votos. Respondo com os meus, surpresa com a clareza de minha voz apesar da confusão que gira dentro de mim. A aliança

que coloco no dedo dele é nova: ele tirou a do casamento anterior quando me pediu em casamento, e a linha do bronzado já desapareceu há muito tempo.

— Se alguém souber de alguma razão pela qual esse casal não possa se unir legalmente em matrimônio, fale agora ou cale-se para sempre.

Meu coração quase para. Meus olhos se desviam involuntariamente para Lily, meio esperando que ela avance com alguma revelação, algum motivo pelo qual eu não mereça seu pai. Ela permanece imóvel, mas seu olhar se intensifica, me prendendo como um inseto a uma tábua.

Um segundo.

Dois segundos.

Três.

O pastor continua, e o alívio inunda meu corpo de uma maneira tão poderosa que quase me faz vacilar. Benjamin aperta mais minha mão, me equilibrando. Sempre me equilibrando.

— Pelo poder a mim conferido pelo estado da Flórida, eu agora vos declaro marido e mulher. — O pastor sorri. — Doutor Stone, pode beijar sua noiva.

As mãos gentis, mas possessivas, de Benjamin emolduram meu rosto. Seus lábios encontram os meus, e o beijo é perfeito — não tão breve, não tão inapropriadamente apaixonado. Apenas certo para um homem que faz tudo com precisão. Os convidados aplaudem. Alguém assobia; deve ser um dos residentes de cirurgia sentados no lado de Benjamin.

Nós nos viramos para encarar os convidados, de mãos dadas, senhor e senhora Stone. Não, doutor e senhora Stone, conforme os guardanapos grafados em relevo que Margaret insistiu em fazer. Mantive meu nome profissional, mas sei como as pessoas em Harbor Heights vão se referir a mim agora. Senhora Stone. A mulher de Benjamin. Não mais Emma Caldwell, mas uma extensão do legado Stone.

Observo a multidão, encontrando os sorrisos emocionados de meus pais, a aprovação de Robert, a serenidade prudente de Margaret. O sol bate em minha aliança nova, pintando prismas de luz

dançantes no paletó escuro de Benjamin. Eu consegui. Realmente consegui. O pensamento aparece, quente e triunfante em meu peito. Cinco anos só observando, aguardando, mantendo a esperança — e agora ele é meu.

Meu olhar se desvia para Lily, meio afastada das outras madrinhas. A cuidadosa expressão neutra sumiu, revelando alguma coisa crua por baixo. Não é tristeza, como eu podia esperar no dia do casamento do pai dela. Alguma coisa mais sombria. Mais calculada. Seus olhos encontram os meus, e sinto um arrepio apesar do sol quente.

O momento passa. O rosto de Lily se reorganiza num sorriso que não parece genuíno. Benjamin puxa minha mão com delicadeza, e avançamos juntos para caminhar de volta pelo corredor enquanto nossos convidados jogam confetes biodegradáveis em nós, que ficam presos em meu véu e grudam nos ombros de Benjamin.

Sou a senhora Benjamin Stone agora. Tenho tudo o que eu queria. Sei que pode soar um pouco cruel, mas o fato de que nem preciso lidar com sua ex-mulher me deixa feliz. Sei que eu nunca poderia competir com ela, e nem preciso. É tudo perfeito.

Então por que a expressão de Lily me segue como uma sombra, lançando sombras nos arredores do meu triunfo enquanto caminhamos na direção de nosso futuro juntos?